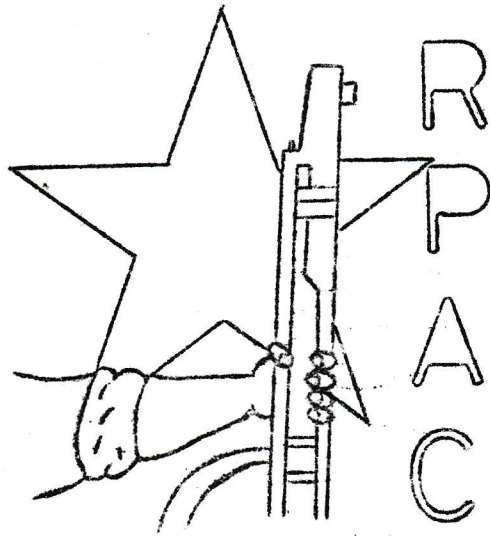


RESISTÊNCIA POPULAR ANTI-COLONIAL



19.

CONFERÊNCIA NACIONAL DA RPA-C

RESOLUÇÕES

I

1. A SITUAÇÃO POLÍTICA ACTUAL E AS TAREFAS DOS SOLDADOS E MARINHEIROS.
2. OS SOLDADOS E MARINHEIROS E A LUTA CONTRA O IMPERIALISMO E AS TENTATIVAS DE INGERÊNCIA DO SOCIAL-IMPERIALISMO RUSSO NAS FORÇAS ARMADAS.
3. OS SOLDADOS E MARINHEIROS E A QUESTÃO COLONIAL.

A SITUAÇÃO POLÍTICA ACTUAL E AS TAREFAS
DOS SOLDADOS E MARINHEIROS

1 A linha e a tática para a luta dos soldados e marinheiros e de todos os militares anti-fascistas, estão indissolúvelmente ligadas à linha e à tática revolucionárias traçadas pela classe operária e a sua vanguarda.

Os soldados e marinheiros, filhos do povo, não são uma classe, mas um agrupamento social constituído fundamentalmente por operários, camponeses e trabalhadores em geral.

2 Por todo o mundo, a situação da luta de classes é favorável às forças revolucionárias e progressistas. Imperialistas e social-imperialistas sofrem derrotas diárias nas suas confabulações para redividir o mundo em esferas de influência e assegurar a hegemonia nas diversas partes do globo. Por outro lado, as massas populares, os povos oprimidos do mundo inteiro levantam-se vitoriosamente contra as duas superpotências e os seus sinistros planos de ingerência, chantagem e dominação. As grandes vitórias alcançadas ultimamente pelos povos do Vietnam e do Camboja, apontam para o estertor e a agonia em que se debatem aqueles dois inimigos principais dos povos do mundo inteiro.

Mas tanto os imperialistas americanos como os social-imperialistas soviéticos, não abandonam facilmente as suas pretensões hegemónicas e transferem-nas para outras parcelas do globo.

Neste momento, o centro das aceras disputas entre os dois chacais mundiais, é sem dúvida a Europa e o seu alvo principal Portugal.

A importância das nossas tarefas revolucionárias e a responsabilidade pelo seu cumprimento, tomam maior peso no momento em que os povos do mundo inteiro e em particular os da Europa, têm os olhos postos em nós. Aos soldados e marinheiros e em especial aos seus elementos de vanguarda, cabe uma grande parte da responsabilidade no cumprimento da missão histórica cometida ao povo português.

3 Perante a impetuosa vaga do movimento popular e revolucionário que ameaçava derubar a ditadura dos monopólios, dos latifundiários e a dominação imperialista no nosso país, a burguesia realizou o golpe militar de 25 de Abril, na tentativa desesperada de se colocar à frente desse movimento de massas em ascensão, para o desviar dos seus objectivos revolucionários e assim procurar encontrar uma saída para a crise aguda e profunda em que se afundava e afunda. O processo que escolheu para melhor enganar o povo e atrelá-lo aos seus planos, foi o de revestir-se duma fachada "democrática" e liberal e chamar ao aparelho de estado os seus partidos conciliadores e traidores infiltrados no seio da classe operária, em particular o partido vende-operários do ministro Barreirinhas Cunhal.

O golpe militar de 25 de Abril, realizado por um grupo de oficiais e que nele fez participar algumas centenas de soldados e marinheiros, veio mostrar o que a RPAC sempre afirmara: que é a partir do principal pilar do sistema de exploração e opressão, que os diversos sectores da burguesia tramam os golpes e contra-golpes reaccionários através dos seus lacaios da oficialagem militarista e para os quais procuram arrastar os soldados e marinheiros.

4 As ilusões espalhadas temporariamente no seio do povo, por uma aparente e fictícia "democracia", instaurada no 25 de Abril, viriam a breve trecho a cair progressivamente, mercê da total impotência e incapacidade dos novos senhores, para cumprirem as promessas feitas inicialmente.

Cada acto dos novos órgãos do poder, emergentes do golpe militar de 25 de Abril viria mostrar a sua verdadeira natureza de classe. A Junta Militar, o Governo Provisório e

Conselho de Estado são os órgãos dos monopólios, dos latifundiários, dos roceiros e colonias listas, dos imperialistas e social-imperialistas.

Desde as tentativas para manter as garras afiladas nas colónias, maquinando por detrás de um pretensão "processo de descolonização", toda a espécie de manobras neo-colonialistas preparatórias de guerras ainda mais ferozes até à mais completa, descarada e infame sujeição e servilismo aos imperialistas americanos e à venda da nossa Pátria aos interesses dos social-imperialistas soviéticos passando pela intensificação da repressão violenta sobre o povo e os soldados e marinheiros, e pela publicação de um rol de leis e decretos repressivos e anti-populares-eis como se foi apresentando a política "democrática" e "progressista" dos novos gerentes da burguesia.

Entretanto melhor se ia clarificando o objetivo principal do golpe de 25 de Abril que era e é o de por detrás da cortina de fumo da "liberdade" e "democracia" permitir a preparação, organização e consolidação da Contra-Revolução para a desencadear selvaticamente sobre o povo no momento mais oportuno.

Disto se pôde o povo ir apercebendo claramente ao ver "escaparem-se" os principais responsáveis das camarilhas sazarista-marcelista, ao assistir à libertação dos pides e legionários salvos da justa ira popular e à congeminação aberta e clara dos golpes fascistas por meio de partidos livremente constituídos e tendo à sua cabeça destacados membros do MFA.

5 Como pano de fundo, conciliábulo para todas as manobras de fascistas esocial-fascistas, fonte comum onde bebe toda a casta de partidos conciliadores e traidores surge sempre o programa do MFA e o próprio MFA "apartidário" e "salvador do povo".

Isto mesmo vem caracterizar esse programa como a plataforma de entendimento das diversas facções da burguesia, dos diversos imperialismos unidos à sua volta no único objetivo comum de salvar o poder e o sistema capitalista e intensificar a exploração e opressão sobre a classe operária e o povo.

Querer identificar o povo e os soldados e marinheiros com esse programa, isto é lançar dócilmente as vítimas nos braços dos seus carrascos passa a ser o ponto central de toda a propaganda demagógica e contrarrevolucionária dos partidos e grupelhos da burguesia, e dos seus lacaios nas Forças Armadas, e o objetivo da escalada repressiva militar-fascista.

Para os soldados e marinheiros também a RPAC defeniu justamente a natureza da classe do programa reaccionário do MFA, as suas incidências concretas no seu seio e a posição a tomar face a ele.

O MFA é uma organização de oficiais que serve para exercer sobre os soldados e marinheiros a disciplina e a repressão militaristas e levá-los sob uma fachada "democrática" e "liberal" a consolidar o poder da burguesia virando-os contra os interesses das massas exploradas e oprimidas a que pertencem.

6 O desenvolvimento da situação política desde o 25 de Abril até ao 11 de Março, é marcado pelo aprofundamento da crise económica, política e social que atira para o desemprego e para a miséria centenas de milhares de operários e camponeses. Em contrapartida o movimento operário e popular e a luta dos soldados e marinheiros ganha novos impulsos à medida que as ilusões vão caindo em sectores cada vez mais vastos das massas. Daí que as promessas e a demagogia dos oficiais, se vá substituindo uma repressão cada vez mais intensa, sobre a classe operária, o povo, os soldados e marinheiros e em particular sobre os revolucionários e melhores servidores do povo.

7 Se em relação aos soldados e marinheiros praticamente nem quanto à forma se alterou a política que vinha a ser seguida pela camarilha marcelista os processos de intoxicação e repressão militarista utilizados contam agora de uma forma clara e aberta com a colaboração do partido vende-pátrias do ministro Barreirinhas Cunhal através dos seus oficiais social-fascistas.

O "apartidarismo" como forma de tentar calar e esmagar a revolta dos soldados e marinheiros e permitir que os únicos partidos a fazer a sua propaganda, a procurar influenciar e trazer a reboque as massas de soldados e marinheiros sejam os partidos da coligação

governamental; a impossível e utópica "democratização" das Forças Armadas proposta demagogicamente com vista a impedir que os soldados e marinheiros se organizem de uma forma autónoma; a repressão e o terrorismo militar-fascista que se vão abatendo de uma forma cada vez mais brutal nos quartéis e bases da marinha - tudo isto é reflexo dentro das Forças Armadas da crescente agudização das disputas entre as diversas cliques da burguesia por um lado e por outro do seu acordo num ponto: impedir que a classe operária dirija as lutas dos soldados e marinheiros, calar a sua voz autónoma e assim melhor poder manipulá-los nos golpes e contra-golpes que os oficiais do MFA lacaios de uma e outra facção da burguesia, embebeçam.

3) A pouco e pouco vão caíndo aos órgãos do poder os últimos farrapos da rota mais cara "liberal" e "democrática" que ostentavam.

Mas é em particular após a tentativa do golpe fascista de 11 de Março e o contra-golpe social-fascista que se lhe seguiu que aparece à luz do dia a ditadura militar que embora instaurada no 25 de Abril mantivera durante este tempo as vestes de um regime democrático burguês.

A alteração radical da situação política no 11 de Março caracteriza-se pela institucionalização da Ditadura Militar pela consolidação da contra-revolução ao nível do aparelho de estado. Todas as forças contra-revolucionárias, os diversos sectores da burguesia e os vários imperialismos de que são lacaios estabeleceram um acordo, ainda que temporário, e que não apagam as divergências e disputas existentes: esse acordo tem como instrumento a ditadura dos oficiais da burguesia e como objectivo esmagar e liquidar de vez o movimento operário e popular e em particular as suas organizações revolucionárias.

Não é por acaso que as principais medidas fascistas e social-fascistas do Conselho da (contra) Revolução - órgão máximo criado no 11 de Março para conduzir a ditadura militar - se abatem sobre todas as organizações revolucionárias únicas defensoras intransigentes do programa da Revolução Democrática e Popular, o único que se identifica com os profundos anseios das massas populares.

Perante esta nova situação que dia a dia melhor se vai definindo não há que almentar quaisquer ilusões acerca da possibilidade de a Revolução poder continuar a desenvolver-se pacificamente. Isto é, a partir do 11 de Março a classe operária, o povo e os soldados e marinheiros vêm claramente que só poderão pensar em derrubar o poder podre e corrupto da burguesia por meios violentos.

A fase de desenvolvimento pacífico da Revolução que serviu ao povo para acumular forças e elevar o seu nível de consciência política sucede-se agora a fase violenta, a fase da preparação política e militar da Revolução, da tomada do poder pelas armas.

9) O fracasso da farsa eleitoral, o estalar das profundas contradições existentes no seio da coligação governamental entre os partidos lacaios dos diversos imperialismos; um novo auge da luta de massas que está a rebentar, a crescente incapacidade da burguesia poder utilizar os soldados e marinheiros para reprimir esse movimento operário popular, tudo isto vai preenchendo as condições para o deflagrar da guerra civil.

Mas ao mesmo tempo que a classe operária e o povo preparam e organizam as suas forças para o afrontamento decisivo, também imperialistas e social-imperialistas na sua feroz disputa pelo domínio da nossa Pátria, e se preparam para os novos golpes e contra-golpes através das cliques militares suas lacaias no nosso país.

Daí que a possibilidade do desencadeamento da guerra civil contra-revolucionária, poderá vir a concretizar-se mais cedo do que se possa esperar. E entre as duas alternativas que inevitavelmente se colocam: a de ser a Revolução a impedir a guerra civil contra-revolucionária ou esta a desencadear a Revolução, a primeira é sem dúvida menos dolorosa para o povo.

10) Uma das manifestações mais claras da consolidação da contra-revolução e da ditadura militar reside nas medidas tomadas em relação às Forças Armadas, pilar fundamental dessa ditadura e instrumento das diversas cliques da burguesia para desencadear a guerra civil contra-revolucionária.

Por um lado a reorganização estratégico-militar das Forças Armadas com a criação de maior número de Unidades operacionais fortemente armadas nos principais centros fabris de maior concentração do campesinato e por outro a intensificação da repressão militarista sobre os nossos militantes, activistas e simpatizantes, elementos de vanguarda dos soldados e marinheiros (desde as prisões à expulsão de militares que desrespeitam os seus superiores ou se oponham ao programa do MFA), são dois aspectos do mesmo plano de tornar o exército numa força inteiramente apetrechada na repressão anti-popular.

Tal como as medidas demagógicas das nacionalizações, os planos económicos de "espírito socializante" já não conseguem alimentar quaisquer ilusões à classe operária e ao povo também em relação aos soldados e marinheiros as recentes iniciativas "democráticas" dos chefes da ditadura militar de "admitir" a presença de soldados e marinheiros nas suas assembleias contra-revolucionárias não surtem qualquer efeito, e não conseguem desfazer a imagem do reforço da opressão e repressão dentro dos quartéis, navios e bases de marinha e aviação.

11. Muito embora a burguesia prossiga a sua política colonialista por outros meios multiplicando ultimamente os embarques de soldados e marinheiros para as colónias a fim de os utilizar nas suas manobras e guerras neo-colonialistas, é em particular para a repressão sobre o movimento popular português que ela agora se vira lançando os soldados e marinheiros de uma forma crescente contra as massas populares em luta. Sendo que toda a sua campanha de intoxicação política e ideológica nos quartéis e a própria instrução militar passa a ter por objectivo voltar os soldados e marinheiros contra o povo e os revolucionários, em particular contra o MRPP e ao mesmo tempo prepará-los para a guerra civil contra-revolucionária. Se não prestarmos uma particular atenção a esta tática do inimigo, se não tivermos consciência de que cada passo concreto que ele dá constitui a sua aplicação prática e se não prevenirmos as massas de soldados e marinheiros contra as medidas que ele tomará neste sentido, arriscamo-nos a ser apanhados de surpresa e dessa forma pormos em risco o desenvolvimento vitorioso da luta de massas, deixando que o povo perca um dos seus mais importantes aliados.

12. Os objectivos da luta dos soldados e marinheiros como filhos do povo incorporados no exército da burguesia permanecem aqueles que sempre a RPAC traçou de acordo com os interesses da classe operária, do povo e da Revolução:

- Paralizar e sabotar o aparelho militar de repressão, anti-popular dos exploradores e dos imperialistas, torná-lo completamente inoperante no seu papel de esmagar a Revolução ascendente;
- Pôr as armas ao serviço do povo, desertar com elas para as fileiras da Revolução, integrar e formar o exército popular com os operários camponeses e lutar ao seu lado sob a direcção do proletariado e da sua vanguarda, pela vitória da Revolução Democrática Popular.

.A necessidade de preencher completamente estes objectivos está mais perto do que se possa imaginar. Mas no que respeita ao trabalho desenvolvido pela RPAC no sentido de preparar as massas de soldados e marinheiros para os realizar ele é muito insuflante e muitos camaradas alimentam ainda um grande número de ilusões legalistas e perfilham pontos de vista pacifistas.

13. Neste momento e de acordo com a situação política caracterizada atrás, a tarefa central dos soldados e marinheiros, de todos os militares anti-fascistas, democratas e patriotas e mais particularmente da nossa organização, dos nossos quadros, activistas e simpatizantes é a de prepararem-se política e militarmente para a Revolução.

Lutar para que a classe operária e o povo no momento do confronto decisivo entre as classes, entre a Revolução e a contra-revolução vejam a enorme massa dos seus filhos na tropa do lado da Revolução, saindo dos quartéis com as armas e engrossando as suas fileiras, ou antes permitir que os soldados e marinheiros sejam manipulados e arrastados para o lado da contra-revolução, ser envolvidos nas guerras intestinas das diversas cliques burguesas, podendo comprometer-se dessa forma, irremediavelmente, a vitória da Revolução nascente, causando sofrimentos e sacrificios incalculáveis às massas exploradas e oprimidas em luta-eis a alternativa que temos. E isto não se pode de forma nenhuma tornar indiferente aos soldados e marinheiros pois que "o seu futuro, a sua sorte

estreita e necessariamente ligado à sorte da classe explorada". Sem a tomada do poder pela classe operária, sem a vitória da Revolução Democrática e Popular, os soldados e marinheiros não só não se libertarão do regime opressivo e terrorista da ditadura militar a que estão sujeitos como o verão agravar-se dia para dia.

É preciso mostrar que também para eles se faz sentir a mesma alternativa: a vitória da ditadura militar ou a vitória da Revolução Democrática e Popular.

14. Os soldados e marinheiros despertam para a luta, tomam uma crescente consciência política do seu papel na Revolução, vão abandonando de uma forma crescente as ilusões acerca dos oficiais ditos "progressistas" e "democratas" do MFA e as suas lutas são cada vez mais caracterizadas pelo recurso à violência revolucionária face à violência reaccionária da ditadura militar.

Isto ligado às profundas contradições existentes no seio do movimento dos oficiais, reflexo das lutas travadas pelos partidos da burguesia pela direcção da ditadura militar, é um factor importante da crise que temos de aprofundar minando o sustentáculo principal da exploração e opressão sobre o povo.

Dá que a nossa táctica deva ser neste momento, a de tomar a ofensiva e não de nos colocarmos numa atitude defensiva perante a repressão que se intensifica. Manter-nos ao ataque, desencadear e dirigir todas as lutas contra o regime militarista, explorar e agudizar as contradições no seio do inimigo, unir a nós e colocar sob a nossa direcção os militares patriotas, anti-fascistas e democratas, retirar as ilusões que reacem em alguns sectores das massas e canalizar todas as lutas e a energia revolucionária dos soldados e marinheiros para a preparação da revolução, para a necessidade da tomada do poder pelas armas e a instauração de um governo popular, como a única saída para a crise, como única via para obter a vitória sobre os imperialistas e social-imperialistas sobre os monopólios e os latifundiários, sobre a burguesia e seus lacaios militar-fascistas, e sobre a ditadura militar.

15. O cabal desempenho destas tarefas pressupõe a resolução correcta e urgente das questões de organização e em particular à partida do reforço do trabalho clandestino, base fundamental e condição indispensável para a continuidade, alargamento e aprofundamento do trabalho de massas. Continuar a aproveitar plenamente as posições e limitadas possibilidades do trabalho "legal" nos quartéis, mas acima de tudo varrer todas as ilusões pacifistas e legalistas, educar os quadros, activistas e simpatizantes nas regras da clandestinidade e da segurança. Saber dispôr as forças para tornar a organização defendida e diversificada ou seja de modo a permitir que a sua actividade de propagação e agitação e a sua capacidade de mobilização permaneça quando a repressão eliminar um dos seus membros.

Combater ferozmente o liberalismo e a anarquia e o espírito de bando e estar vigilante contra a infiltração de provocadores e bufos fascistas e social-fascistas.

É ainda em matéria de organização que temos de dar um combate sem tréguas ao liquidacionismo, ao deixar andar, ao manter um estilo de trabalho disperso e confusionalista, ao caracolismo e ao espírito feito de impotência. Sem termos as nossas fileiras coesas e unidas, conscientes da situação política actual e das suas duras e complexas tarefas revolucionárias, fortemente organizados e a marchar ao mesmo ritmo, não podemos pensar em sequer dar um passo na mobilização e organização das amplas massas de soldados e marinheiros e dessa forma conduzi-las de acordo com os interesses e as tarefas da classe operária e do povo.

Um outro aspecto decisivo que deve ser objecto da atenção constante na actividade revolucionária dos nossos quadros é a constituição, a direcção e o fortalecimento dos órgãos de vontade popular dos soldados e marinheiros. A sua enorme importância nesta nova fase da Revolução, a necessidade de desmascarar, desacreditar e destruir as organizações criadas pelo MFA, contrapondo-lhes a organização autónoma e democrática dos soldados e marinheiros, é uma tarefa imediata e urgente como única forma de combater as

ideias e as teses da "conciliação de classes" no seio das Forças Armadas da burguesia, retirar os soldados e marinheiros à influência das manobras das diversas cliques militaristas, cada uma dita mais "democrática" e "progressista" que a outra e permitir que sejam os soldados e marinheiros a exercer o controlo efectivo das respectivas Unidades.

Um dos aspectos da política reaccionária dos órgãos do poder, tem sido perigosamente ignorado no nosso trabalho e, que tal como se previa assume agora uma grande importância, são as manobras colonialistas e neo-colonialistas da burguesia.

Tentando salvar o colonialismo, os interesses dos imperialistas e grandes roceiros, pela porta do neo-colonialismo, o Governo Provisório e o MFA fazendo-se passar por novos arautos da "Paz" vão encobrendo e alimentando o jogo desses interesses rapaces do imperialismo e do social-imperialismo. Com essa politica vão preparando guerras neo-coloniais ainda mais ferozes e cruéis do que as guerras coloniais, tentando envolver nelas um contingente cada vez maior de soldados e marinheiros.

A estes e em particular á RPAC cabe intensificar a propaganda e a organização da recusa colectiva aos embarques e da luta pelo regresso dos soldados a fim de impedir que mais uma vez eles continuem a ver-se transformados em carne para canhão de guerras coloniais e aventuras ao serviço dos planos e manobras do imperialismo e do social-imperialismo subjugação e dominio dos povos irmãos das colónias.

A bandeira da Paz que unicamente poderá ser alcançada pela Separação e Completa Independência daqueles povos, é uma bandeira que os soldados e marinheiros devem continuar a empunhar firme e resolutamente.

16. No momento actual torna-se ainda particularmente importante ter concepções correctas acerca do trabalho unitário contra a repressão militar-fascista e o terrorismo militarista, contra a ditadura militar, contra todas as arbitrariedades e violências impostas aos soldados e marinheiros e em especial aos seus elementos de vanguarda, varrer o espirito sectário que conduz ao isolamento e unir a si todos os militares democratas, anti-fascistas e patriotas, particularmente um certo número de oficiais que embora vacilantes devido á sua origem de classe podem constituir importantes aliados dos soldados e marinheiros desde que em relação a eles seja adoptada uma politica correcta e colocada sob a sua direcção.

17. Embora se tenha assistido a um rápido crescimento e alargamento das fileiras da RPAC e a sua politica venha a obter um crescente acolhimento e simpatia pelas massas de soldados e marinheiros, a sua influência não tem tido uma correspondência proporcional no campo da organização das amplas massas de soldados e marinheiros e militares anti-fascistas.

Isso deve-se sobretudo á existência de um espirito burocrático e trefista que despreza a formação e a educação politica dos quadros, á resistência em corrigir os erros em matéria de organização, no fundamental a uma linha que se opoem á mobilização das amplas massas de soldados e marinheiros e que procura pôr um tampão sobre as criticas das massas.

Demarcar a cada momento essa linha, travar o combate contra ela, detectar os responsáveis que se mostram seus portadores, consolidar os alicerces da nossa organização eis alguns dos objectivos do movimento de rectificação geral que é necessário e indispensável levar ousadamente a desfraldar velas no seio da RPAC.

CAMARADAS:

Que esta Conferência seja bem sinal de que a Revolução está na ordem do dia, que o nosso espirito entusiasta de servir o povo e de nos dispormos a cumprir as tarefas da Revolução que nos são atribuidas não olhando a cansaças nem a sacrificios, fique bem expresso na nossa participação aberta, activa, franca e leal.

- O TEMPO É DE GUERRA E O HORIZONTE É VASTÍSSIMO!
- VIVA A LUTA DOS SOLDADOS E MARINHEIROS AO LADO DO POVO E SOB A DIRECÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA!
- EM FRENTE NA GRANDE VIA DA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E POPULAR
- VIVA A 1ª CONFERÊNCIA NACIONAL DA RPAC!
- VIVA A RPAC!

II

OS SOLDADOS E MARINHEIROS E A LUTA CONTRA O IMPERIALISMO E AS TENTATIVAS DE INGERÊNCIA DO SOCIAL-IMPERIALISMO RUSSO NAS FORÇAS ARMADAS

1. Considerando a importância que reveste a luta que os soldados e marinheiros de vem desenvolver contra o fascismo e o social-fascismo e as tentativas de ingerência e pe netração do social-imperialismo nas Forças Armadas da burguesia;

2. Considerando que últimamente as tentativas por parte dos social-imperialistas russos para controlarem as Forças Armadas da burguesia têm aumentado, ao ponto de continuamente se introduzirem no nosso país agentes da KGB com a missão de apoiarem os seus lacaios, os oficiais militaristas do partido vende-pátrias de Barreirinhas Cunhal, nas lutas internas pela posse do exército da burguesia, ao ponto de as manobras, recentemente levadas a cabo na E.P.A. em Vendas Novas, terem sido patrocinadas e presenciadas pelos a didos militares russos, ao lado dos seus oficiais lacaios do MFA. Tudo isto numa clara tentativa do social-imperialismo russo, se apoderar, através dos seus paus-mandados oficiais social-fascistas, do exército da burguesia no sentido de desencadear os seus golpes e contra-golpes;

3. Considerando que os oficiais social-fascistas do MFA, pretendem envolver os soldados e marinheiros nessas suas manobras e tentativas contra-revolucionárias com vista a levá-los a participar na contra-revolução, na instauração duma ditadura social-fascista que aqueles inimigos do povo se preparam para sobre ele fazer abater selvaticamente;

4. Considerando que são os oficiais social-fascistas aqueles que mais se têm destacado na repressão contra a classe operária e o povo, e contra os seus melhores filhos na tropa;

A 1ª. CONFERÊNCIA NACIONAL DA R.P.A.-C. :

1. Saliencia a importância dos soldados e marinheiros intensificarem nos quartéis, a ofensiva contra a ingerência e a penetração na nossa pátria do social-imperialismo russo, um dos inimigos principais do povo português e dos seus filhos na tropa.

2. Chama a atenção a todos os quadros, activistas e simpatizantes no sentido de de desenvolverem uma intensa campanha de propaganda, agitação e denúncia de todas as manobras demagógicas e terroristas do social-fascismo e seus lacaios militares, em tudo igual às do fascismo, levando ao seu total desmascaramento e isolamento dentro dos quartéis, navi os bases de marinha e aviação.

3. Apela para que nesta luta contra o social-fascismo e o social-imperialismo sai bamos unir as mais amplas massas de soldados e marinheiros, assim como todos os militares democratas, patriotas e anti-fascistas.

-MORTE À CIA E AO KGB!

-MORTE AO IMPERIALISMO E AO SOCIAL-IMPERIALISMO!

-INDEPENDÊNCIA NACIONAL!

III

OS SOLDADOS E MARINHEIROS E A QUESTÃO COLONIAL

A 1ª Conferência Nacional da RPAC, debruçou-se demorada e vivamente sobre uma questão fundamental para os soldados e marinheiros, que é a questão colonial. Falando em defender e salvaguardar a "Paz" nas colónias o Conselho da (contra) Revolução, o Governo Provisório e todos os partidos conciliadores e traidores preparam-se para, sob a capa da "descolonização" e ao serviço dos seus patrões imperialistas e social-imperialistas continuar a guerra colonial numa guerra neo-colonialista imperialista e social-imperialista.

Desde as afirmações do grupelho MDP-CDE de que é necessário uma participação, mais efectiva do exército português em Angola, até às acusações de "passividade" das Forças Armadas colonialistas em intervir nas colónias, passando por declarações semelhantes de membros do Conselho da Contrarrevolução como o almirante Rosa Coutinho e o major Pesarat Correia, todas essas posições encobrem os preparativos do desencadeamento da guerra em que pretendem envolver o Povo e milhares de soldados e marinheiros.

Utilizando toda a espécie de demagogias - como a de que os soldados e marinheiros são forçados a embarcar para as colónias para "defender os brancos" quando o perigo que estes correm é exactamente o de estarem a ser usados como escudo da política neo-colonial e ainda a mentira de que o Movimento Nacional Libertador dos povos das colónias que pede a presença das tropas colonialistas nas suas pátrias, os lacaios do imperialismo e do social-imperialismo e seus agentes militaristas no nosso país, pretendem desta forma lançar dócilmente os soldados e marinheiros para uma guerra fratricida mais feroz e cruel que as guerras coloniais contra as quais lutaram durante anos.

Esta política neo-colonialista da ditadura militar tem a estreita colaboração dos social-fascistas do partido do ministro Barreirinhas Cunhal que, tanto em Portugal como nos territórios ainda sob o domínio colonial maquinam toda a espécie de manobras para defender os interesses de rapina dos social-imperialistas soviéticos nas colónias como é o caso da chegada de duas dezenas de agentes secretos do KGB a Angola nas vésperas dos acontecimentos sangrentos.

Dizendo-se internacionalistas e amigos dos povos das colónias estes oportunistas que sempre traíram a luta destes povos, apenas querem deitar poeira para os olhos do povo e esconder as suas intenções de se conluíarem com a política neo-colonialista da burguesia e do imperialismo e prosseguirem a guerra.

A 1ª Conferência Nacional da RPAC considera que perante a ameaça real do desencadeamento de uma guerra neo-colonialista sobre os povos das colónias os soldados e marinheiros e todos os militares anti-colonialistas devem tomar a única posição justa de acordo com os laços de amizade e internacionalismo militante que os liga aos povos irmãos das colónias - a retirada imediata do exército colonial, a recusa colectiva aos embarques, a deserção em massa e com armas e o regresso dos soldados.

A 1ª Conferência Nacional da RPAC salienta o justo exemplo dado pelos soldados e marinheiros, quer na recusa colectiva aos embarques (caso recente do Batalhão 4911), quer nas colónias onde têm assumido a firme posição de lutar pelo seu regresso sendo por isso alvo da repressão militar fascista das autoridades colonialistas portuguesas.

A 1ª Conferência Nacional da RPAC defendeu que, a intensificação da repressão sobre os povos das colónias, que os soldados e marinheiros são chamados a exercer, se traduzirá na intensificação da repressão militar-fascista sobre o nosso povo e os soldados e marinheiros.

A 1ª Conferência Nacional da RPAC decidiu que um poderoso movimento de massas seja desencadeado nos quartéis, no sentido de organizar a recusa colectiva aos embarques e à deserção em massa e com armas como a melhor forma de apoiarmos activa e consequentemente a justa luta dos povos irmãos das colónias e demarcando-nos de todas as posições oportunistas colonialistas e neo-colonialistas.

A 1ª Conferência Nacional da RPAC saúda ainda de punho bem erguido a justa luta que os povos das colónias, ainda sob domínio da burguesia colonialista portuguesa continuam a travar contra o colonialismo e o neo-colonialismo, o imperialismo, o social-imperialismo e a guerra.

- O ÚNICO CAMINHO PARA ALCANÇAR A PAZ E A SEPARAÇÃO E COMPLETA INDEPENDÊNCIA POLÍTICA ECONÓMICA E CULTURAL DOS POVOS DAS COLÓNIAS!
- VIVA A JUSTA LUTA DOS POVOS IRMÃOS DAS COLÓNIAS PELA SUA LIBERTAÇÃO E INDEPENDÊNCIA NACIONAL!
- ABAIXO O NEO-COLONIALISMO!
- NEM MAIS UM EMBARQUE!
- DESERÇÃO EM MASSA E COM ARMAS!
- REGRESSO DOS SOLDADOS!

EDIÇÕES RESISTÊNCIA
POPULAR ANTI-COLONIAL

5.00